



Perspectivas da Sociolinguística Educacional no Desenvolvimento do Gênero Entrevista Coletiva

Simone Rodrigues Peron¹
UFJF

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo discutir a relevância do ensino de língua materna baseado em uma educação linguística, que tem como cerne a valorização da identidade cultural e linguística, principalmente de alunos de classes sociais desprestigiadas. Dessa forma, propusemos uma pesquisa-ação pautada nos postulados da Sociolinguística Educacional (BORTONI- RICARDO, 2004, 2008), que legitime as variedades do português do Brasil e possibilite a aquisição das variedades prestigiadas, sem que tais sujeitos desconsiderem seu vernáculo, mas saibam adequar-se linguisticamente ao contexto comunicativo. Trata-se de um recorte da pesquisa-ação (2009/2010) intitulada “Os dialetos sociais na escola pública”, com a parceria da FAPEMIG/UFJF. Essa pesquisa foi empreendida com alunos do sexto e sétimo anos do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Juiz de Fora, com intervenções semanais de uma hora/aula. Inicialmente propusemos um trabalho de reflexão sobre a existência da heterogeneidade linguística, para que os discentes compreendessem que a variação acarreta diferenças, e não, erro. Para isso, realizamos análises contrastivas das variedades linguísticas. Entre todas as nossas ações, destacaremos a sequência didática (DOLZ, NOVERRAZ, SCHENEUWLY, 2004) realizada com o gênero entrevista coletiva, com o qual os alunos tiveram a oportunidade de ter contato com entrevistas gravadas, simuladas e reais, e de poderem ter vivenciado uma situação de estresse, ao entrevistarem pessoas desconhecidas e serem filmados. Os resultados foram positivos, já que esses falantes de uma variedade desprestigiada conseguiram monitorar-se estilisticamente de acordo com o contexto comunicativo, o que consideramos um grande ganho.

Palavras-chaves: Sociolinguística educacional, monitoração estilística, gênero entrevista.

Abstract: This paper aims to discuss the relevance of teaching mother language based on linguistic education, which is the core value of cultural and linguistic identity, especially for students from discredited social classes. Therefore we proposed an action-research guided by the postulates of Educational Sociolinguistics (BORTONI-RICARDO, 2004). This approach legitimizes the varieties of Brazilian Portuguese, and allows the acquisition of the prestigious varieties, without disregarding speakers' vernacular, but knowing how to fit them linguistically according to the communicative context. This work is part of an action-research (2009/2010) entitled "The social dialects in public school," a partnership with UFJF. This research was undertaken with students in sixth and seventh years of elementary education at a municipal school in Juiz de Fora, with assistance of a weekly time/class. Initially we proposed some reflections about the existence of linguistic diversity, so that students understand that variation is the differences, not errors, and for this, we conducted contrastive analysis of linguistic varieties. Among all our actions, we will highlight the instructional sequence (DOLZ, NOVERRAZ, SCHENEUWLY, 2004) held a press conference with the genre, which with the students had the opportunity to have a contact with taped interviews, simulated and real, and they may have experienced a stressful situation, to interview people unknown and they were

¹ speronjf@yahoo.com.br



filmed. The results were positive, since the discredited variety's speakers were able to monitor themselves stylistically according to the communicative context, what we consider a large win.

Keywords: Educational Sociolinguistics, monitor stylistically, genre interviews.

1. Introdução

O presente trabalho é um recorte da pesquisa-ação realizada no ano de 2010 em uma escola pública do município de Juiz de Fora (MG), que teve como sujeitos uma turma do sexto e duas turmas do sétimo anos do Ensino Fundamental. Nossas intervenções ocorriam durante uma hora aula semanal, cedida pelos professores regentes de Língua Portuguesa, os quais também participavam de nossas ações.

O escopo principal deste projeto foi verificar a viabilidade da adoção de uma perspectiva sociolinguística nos procedimentos de ensino/aprendizagem do segmento mencionado, para se desenvolver competências na ampliação da aquisição das variedades urbanas de prestígio.

Diante da realidade brasileira, sabemos que grande parte dos alunos de escolas públicas ainda não domina variedades linguísticas prestigiadas, o que tem gerado consequências como: o preconceito linguístico, a desqualificação do aluno e até mesmo contribuído para o fracasso escolar, devido a atitudes inadequadas da escola ao lidar com essas situações. A linguagem do discente é parte de sua cultura e identidade. De acordo com Bakthin (1992/2003), o sujeito se constitui pela linguagem e, quando a desconsideramos, estamos anulando a identidade do indivíduo.

O que acontece, na maioria das vezes em sala de aula, é a tentativa de sobreposição de uma variedade à outra, sem que isso seja um processo consciente da necessidade de adequar-se linguisticamente, de acordo aos contextos comunicativos. Com relação a esse aspecto, Rojo (2009, p. 60) nos afirma que:

[...] o acentuado fracasso escolar dos meios populares no Brasil dos últimos séculos dava-se, principalmente nas séries iniciais e, hoje, dá-se



próximo às séries-diploma mais avançadas. Bernard Lahire (1995) credita grande parte das dificuldades que levam ao fracasso escolar ao novo tipo de contato escolar que a criança passa a ter com a linguagem por meio do ensino-aprendizagem da escrita/leitura – um contato que passa a ser inconsciente, prático, incorporado (na família) a consciente, analítico, objetivado (na escola). Além disso, o autor insiste na importância da diversidade de *sociabilidades* em torno do texto escrito, ou seja, na diversidade dos letramentos das camadas populares, sobre a qual ainda sabemos, apesar de tudo, muito pouco e que a escola tende a ignorar, sobrepondo a ela a unicidade das práticas de letramento escolar. Boa parte do “fracasso escolar” se dá justamente no conflito irresolvido desses letramentos.

Como a linguagem é um bem simbólico cultural, conforme nos afirma Bourdieu (apud. SOARES, 1986), ela exerce uma relação de poder na sociedade. A autora esclarece (p. 56):

Assim, as relações de força simbólicas presentes na comunicação linguística definem *quem* pode falar, a *quem*, e *como*; atribuem valor e poder à linguagem de uns e desprestígio à linguagem de outros; impõem o silêncio a uns e o papel de porta-voz a outros.

Por isso, a escola tem a importante função de tornar os alunos políglotas em sua própria língua, capacitando-os a tornarem-se porta-vozes em nossa sociedade, na qual o discurso e o poder estão relacionados às variedades cultas.

Outro aspecto importante que cabe à escola é desmistificar a noção de “erro” que ainda é tão arraigada em nossa cultura. Segundo Antunes (2007, p. 109) a escola deve:

[...] desenvolver a capacidade dos alunos para acolher as diferenças, com o máximo respeito por aqueles que as apresentam, sem o sentimento de que estão fazendo concessões ou sendo compassivos com os diferentes. Simplesmente, porque a diferença é a parte mais significativa daquilo que nos faz iguais.

Esses aspectos são relevantes para desenvolvermos crenças positivas nos discentes em relação ao vernáculo que eles trazem. Para ampliarmos as competências comunicativas, é preciso fornecer-lhes ferramentas necessárias para a adequação pragmática, de acordo com as diversas situações sociointeracionais apresentadas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa (PCN's, 1998, p.23) nos afirma:



Um dos aspectos da competência discursiva é o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar a diferentes situações de interlocução oral e escrita. É o que se chama de competência linguística e estilística. Isso, por um lado, coloca em evidência as virtualidades das línguas humanas: o fato de que são instrumentos flexíveis que permitem referir o mundo de diferentes formas e perspectivas; por outro lado, adverte contra uma concepção de língua como sistema homogêneo, dominado ativa e passivamente por toda a comunidade que o utiliza.

Mediante a escassez de uma pedagogia da variação linguística nas escolas, é que propusemos este trabalho com a finalidade de não escamotearmos a nossa realidade linguística do Brasil (FARACO, 2008), mas de legitimar as variedades desprestigiadas, apontando novos caminhos para a ampliação da aquisição da variedade culta.

2. Metodologia

A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação. Esta propõe mudanças, já que o pesquisador atua diretamente no campo sem a intervenção de pesquisadores externos, sendo, portanto, colaborativa. Nossa proposta inicial foi verificar a viabilidade da adoção de estudos sociolinguísticos no ensino de língua materna, e essa metodologia foi fundamental para alcançarmos os resultados obtidos, tendo em vista que a universidade aproximou-se da realidade escolar e de sua comunidade, procurando entender e intervir a partir das necessidades apresentadas.

As bolsistas do projeto² faziam anotações de campo para análises e reflexões posteriores, acrescentando suas impressões sobre as aulas ministradas, às quais denominaram *ações*. Foram utilizados também filmadora e gravador, para a efetivação de um trabalho mais detalhado e completo com o gênero escolhido.

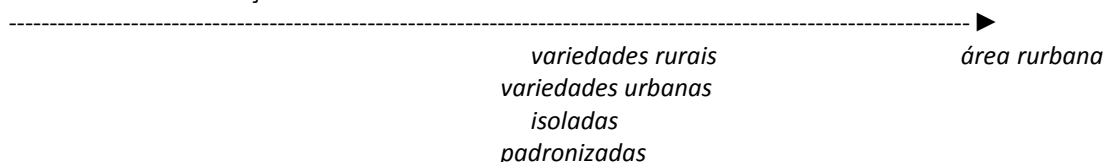
² Projetos 2010/2011: **A sociolinguística no ensino fundamental** (BIC/UFJF). Bolsistas: Patrícia Rafaela Otoni Ribeiro, Marianna do Valle Modesto Paixão. **Educação linguística na escola pública** (FAPEMIG). Bolsista: Livia Nascimento Arcanjo. Orientadora: Profa. Dra. Lucia Furtado de Mendonça Cyranka.



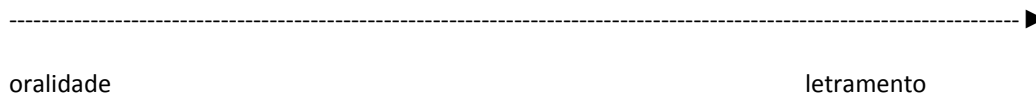
A pesquisa teve, além disso, um caráter essencialmente qualitativo. De acordo com o pensamento e as reflexões de Bortoni-Ricardo (2008, p. 42): “[...] é tarefa da pesquisa qualitativa de sala de aula construir e aperfeiçoar teorias sobre a organização social e cognitiva da vida em sala de aula, que é o contexto por excelência para a aprendizagem dos educandos”.

A proposta teórica que foi adotada está centrada nos três *contínua* de Bortoni-Ricardo (2004, p. 51), sendo eles: o de urbanização, o de oralidade-letramento e o de monitoração estilística .

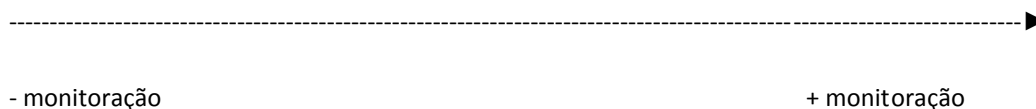
1. *Contínuo de urbanização*



2. *Contínuo oralidade - letramento*



3. *Contínuo de monitoração estilística*



(BORTONI-RICARDO, op. cit., p. 52)

Esses *contínua* nos mostram que não há limites específicos de um polo para o outro; ao contrário, utiliza-se essa ferramenta para mostrar a interação que existe entre eles, a partir da necessidade da situação interacional, em que se leva em consideração os aspectos: quem diz o



quê a quem, onde , quando, qual a relação de hierarquia que existe entre os falantes, entre outros fundamentais para compreendermos a heterogeneidade da língua.

Outro embasamento importante foi eleger, em nossas ações, gêneros textuais, que nos possibilitaram desenvolver estratégias comunicativas, principalmente nas variedades urbanas cultas, para que os discentes pudessem transitar nos *contínua* apresentados, de um polo para o outro. Esses gêneros deram suporte às atividades desenvolvidas, como por exemplo, o trabalho com entrevista e entrevista coletiva, que serão mais detalhados neste artigo.

Segundo Dolz e Schneuwly (2004, p. 74) “(...) é através dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes”. Ademais, o Ministério de Educação (MEC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa (PCN’s, 1998, p.25), mostra a necessidade de a escola trabalhar com os gêneros orais públicos:

Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la.

Outra perspectiva teórica que compõe este trabalho foi o desenvolvimento de uma sequência didática com o gênero entrevista coletiva, pautada nos estudos de Dolz e Schneuwly (2004, p. 98), conforme mostra o esquema abaixo:

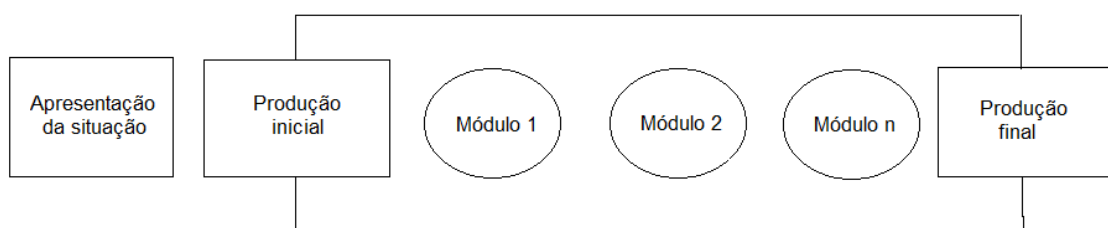


Figura 2.1 Sequência didática proposta por Dolz e Schneuwly (2004, p. 98).

Nas seções posteriores, detalharemos o passo a passo da sequência didática realizada.



3. Desenvolvimento dos *contínua* de urbanização e de monitoração estilística

Antes de apresentarmos o trabalho que desenvolvemos com o gênero entrevista, mencionaremos algumas atividades realizadas anteriormente a este trabalho, que foram fundamentais para o desencadeamento de alguns aspectos formais referentes ao gênero analisado.

Para criarmos crenças positivas dos alunos em relação às variedades desprestigiadas, desenvolvemos nossa pesquisa partindo do contínuo de urbanização, apresentando-o aos alunos. Depois de familiarizados com ele, realizamos várias análises contrastivas entre as variedades de prestígio e as desprestigiadas, a partir das apresentações de textos em ambas as variedades linguísticas, além do reconhecimento dos próprios alunos nesse contínuo, como falantes *rurbanos*.

A partir da legitimação das variedades desprestigiadas, trabalhamos com o contínuo de monitoração estilística, apresentando-o também aos alunos, para a conscientização da necessidade de monitorarmos nossa fala em algumas situações, como, por exemplo, em uma entrevista de emprego.

Para que ficasse o mais claro possível para os educandos, partimos da premissa da adequação em relação às escolhas de roupas de acordo com o contexto. Os próprios alunos descreviam as diferenças de uso, como uma roupa que se utiliza para ir a um casamento, formatura e, outra que se usa noutros eventos, como ir à praia, à piscina, entre outros.

Esses exemplos foram bastante elucidativos quanto à necessidade de adequação linguística, o que acaba por envolver a necessidade ou não de monitoração estilística.

Com as diferenças entre as variedades e a necessidade de monitoração estilística esclarecidas, propusemos um trabalho com os aspectos de polidez: sua importância, o que representam no nosso cotidiano, ou seja, o efeito discursivo e as possíveis consequências diante do seu uso ou não. Também como complementação desta parte, solicitamos aos alunos que realizassem uma pesquisa, para verificar quais eram os principais recursos de polidez que as pessoas que eles conheciam usavam e em quais circunstâncias se dava esse uso. Para isso,



entregamo-lhes uma folha que continha esses dados para o preenchimento e posterior entrega para contabilização e análise dos dados.

Uma das finalidades dessas ações com o tema polidez foi desenvolver nos discentes, a necessidade de sermos polidos diante das circunstâncias, independente de serem elas formais ou não, já que puderam constatar quais os efeitos discursivos que são gerados a partir desse uso.

4. Descrição da sequência didática com o gênero entrevista

Baseada no trabalho de sequência didática proposto por *Dolz e Schneuwly* (2004, p. 98), conforme mencionamos anteriormente, descreveremos como foi essa sequência, a partir do gênero entrevista.

Como parte da apresentação inicial, as bolsistas do projeto prepararam e ensaiaram uma entrevista, desempenhando uma o papel de entrevistadora e a outra de entrevistada, para demonstrar para os educandos a adequada utilização desse gênero, já que era o primeiro momento em que estavam tendo contato com ele na sala de aula.

Depois da apresentação, a pesquisadora propôs algumas reflexões para os alunos, para que verificassem quais seriam as características desse gênero e quais os aspectos que lhes chamariam atenção. Para demonstrar um pouco desse diálogo, segue abaixo uma vinheta³ retirada das anotações de campo das bolsistas e que reproduz uma das conversas do momento referido.

P: - Elas usaram uma linguagem formal?

A: - Sim. Porque, tipo assim, ela falou com... Ela falou sem intimidade.

P: - Mais o quê?

³ A letra P indica a fala da pesquisadora, e a letra A a fala de um dos alunos.



A: - Palavras bem pronunciadas!

P: - Mais o quê?

A: - Sem gírias!

P: - Uma linguagem bem adequada, tratamento adequado. Ah! A postura! O formal exige uma postura.

4.1 Vinheta que demonstra parte do diálogo após a apresentação inicial.

A análise desse aluno “A” demonstra seu conhecimento de mundo sobre o gênero entrevista, que geralmente pode ser visto em programas de televisão, o que, de certa forma, indica a necessidade de a escola apresentar, de forma sistematizada, o funcionamento desse gênero oral público que, possivelmente em algum momento da vida, os educandos poderão precisar utilizar.

Para muitas pessoas, até mesmo cidadãos adultos, alguns aspectos como a postura, palavras bem pronunciadas e o distanciamento entre entrevistado e entrevistador, por mais que pareçam comuns e óbvios, são desconhecidos. Tal desconhecimento pode acabar lhes trazendo prejuízo, como por exemplo, uma desclassificação diante de uma entrevista de emprego. Não é por acaso, que noticiários da grande mídia contratam especialistas que trabalham no setor de recursos humanos, para darem dicas de como se portar em uma entrevista de emprego. Esse trabalho também cabe à escola, pois ela é uma das principais agências de letramento!

Ao fazer um levantamento dos principais aspectos formais presentes na apresentação inicial, a pesquisadora sistematizou essas informações, contrastando-as com as informais para que os alunos visualisassem e assimilassem essas diferenças. Os alunos concluíram, portanto, que a entrevista realizada entre as bolsistas envolveu uma maior monitoração estilística, abarcando assim critérios que não são comuns em uma fala descontraída. Afirmaram, por exemplo, que não usaram gírias, recurso muito comum entre os alunos, devido à faixa etária e suas redes de comunicação. O quadro apresentado a seguir também faz parte de nossas anotações de campo, conforme realizado no dia da ação.



INFORMAL	FORMAL
Forma de tratamento: você	Forma de tratamento: senhor (a)
Com intimidade	Sem intimidade
Linguagem mais coloquial (pode ter gírias)	Sem gírias, linguagem culta
Polidez	Polidez
	Tom de voz alto
	Postura ereta
	Certa seriedade
	Palavras bem pronunciadas

4.2 Aspectos concluídos pelos alunos na dimensão formal e informal.

Em outra ação posterior a apresentação inicial, propusemos, então, que os alunos formassem duplas e que um fosse o entrevistado e o outro, o entrevistador. Poderiam responder sobre questões pessoais ou se passarem por personagens artísticos, desde que isso fosse feito na dimensão formal. Damos alguns minutos para que se organizassem e estruturassem essa pequena entrevista. Informamos que, depois de um breve ensaio entre eles, a entrevista seria apresentada para toda a turma, para análise do cumprimento ou não dos aspectos formais que já havíamos trabalhado. Essa reflexão, a princípio, partiria deles próprios para que não houvesse ofensas ou situações de constrangimento com outros colegas da classe.

Os alunos ficaram muito empolgados com essa atividade, pois era diferente da rotina escolar; além disso, propiciou o envolvimento com os demais colegas da classe de forma descontraída. Começamos com as apresentações por duplas e verificamos que, nesse primeiro



momento, o desenvolvimento do gênero pelos discentes foi bastante limitado. Como exemplo, segue abaixo, a entrevista de duas alunas⁴ e que reflete muito bem as demais entrevistas.

Silvia: *Bom dia Natália!*

Natália: *Bom dia!*

Silvia: *Natália, você gosta da sua família?*

Natália: *Gosto.*

Silvia: *Natália, você gosta de mim?*

Natália: *Sim, gosto muito, você é minha amiga.*

4.3 Entrevista de duas alunas na apresentação inicial.

A princípio, acreditavam que seria muito fácil, porém, diante do olhar e atenção de toda a turma, a timidez e a vergonha foram muito maiores, prejudicando o desenvolvimento de alguns deles. Constatamos que, alguns riam muito, outros davam respostas estanques, outros não haviam conseguido formular mais que duas perguntas, entre outras dificuldades. A partir das constatações dos principais problemas apresentados, formulamos novos módulos para suprir essas deficiências.

No módulo 1, fizemos, novamente, um levantamento das características da entrevista, dos elementos que envolviam a questão da formalidade, refletindo sempre a partir do contínuo de monitoração estilística. Alguns alunos chegaram a mencionar que ainda não estavam próximos do ponto que demarca a dimensão mais formal, mas que, com o treino, eles alcançariam esse objetivo.

Percebemos também que o fato de esse gênero exigir o uso de variedade prestigiada, que não era a usual dos falantes das turmas trabalhadas, dificultou a apresentação dos alunos.

⁴ Os nomes utilizados são fictícios para preservar a imagem dos alunos.



Por isso, é preciso que a escola leve à ampliação tanto das práticas de oralidade quanto de escrita desses discentes, para que possam saber se adequar linguisticamente seu estilo às diversas situações, sem abandonar seu vernáculo.

Solicitamos, nesse módulo 1, que novamente se reunissem em duplas para que formassem uma nova entrevista entre eles, atentando para os aspectos retomados. Com a ajuda das bolsistas, da pesquisadora e da professora regente da turma, os alunos mostravam-se mais empenhados e determinados. Então, sugerimos que falassem de temas pelos quais se interessavam e de que gostavam, ou seja, partir da realidade deles para um campo maior. Como consequência, obtivemos um êxito maior nesse momento, em relação à apresentação inicial. Para demonstrar esse crescimento gradual, mostramos um novo quadro com a entrevista de dois alunos, que também estão com nomes fictícios.

Davi:- Bom dia Elton? Como vai você?

Elton:- Bom dia senhor Davi! Vou muito bem!

Davi: Qual é o esporte que você mais gosta?

Elton: -Futebol.

Davi: - Qual é o jogador que você mais gosta?

Elton:- Ronaldinho Gaúcho.

Davi: - Qual é o seu time?

Elton: - Flamengo.

Davi: - Obrigado senhor Elton.

Elton: - Obrigado senhor Davi.

4.4. Entrevista de dois alunos no módulo 1



É importante ressaltar que, como ocorrera, nesta entrevista, respostas estanques e bem diretas, propusemos aos alunos que a refizessem de forma mais natural, procurando formular sentenças maiores para justificar as respostas. Ao entrevistador, caberia o papel de aproveitar as respostas do entrevistado, para formular novas perguntas, o que denominamos “pegar um gancho” no que havia sido dito, para proposição de novas perguntas. Os próprios alunos reconheceram que a entrevista tinha sido muito “rápida”, sem respostas completas. Um ganho muito importante foi a reflexão deles próprios sobre seu comportamento e atitude na apresentação da entrevista. Isso os fez perceber os aspectos que precisariam ser mudados, gerando assim uma nova postura. Um desses alunos, sempre era tímido na sala de aula e demonstrava certo desinteresse. Com essa atividade, conseguimos envolvê-lo de modo a motivá-lo a participar das atividades escolares.

Apresentaremos abaixo a nova entrevista que esses mesmos alunos realizaram a partir das sugestões dadas pela pesquisadora.

Davi: - Bom dia, Elton? Como vai você?

Elton:- Bom dia, senhor Davi! Vou muito bem!

Davi: - Qual é o esporte que você mais gosta?

Elton: - Eu gosto muito de futebol.

Davi: - Qual é o jogador que você mais gosta?

Elton: - Eu gosto muito do Ronaldinho Gaúcho, porque ele já fez muitos gols na seleção.

Davi: - Qual é o seu time?

Elton:- Eu sou flamenguista desde pequeno, porque todos da minha família são flamenguistas.

Davi: - Obrigado, senhor Elton.

Elton: - Muito obrigado, senhor Davi.

4.5 Entrevista reelaborada dos dois alunos mencionados anteriormente.



Assim como demos uma nova chance para essa dupla, as demais que quiseram rerepresentar também tiveram a oportunidade e, em todas elas, observamos que houve progressão. Isso ocorreu em todas as turmas trabalhadas. Os alunos estavam se sentindo motivados, pois conseguiam ver o seu progresso diante dos obstáculos aparentes.

Sempre procurávamos frisar a necessidade da adequação linguística, de sabermos o estilo formal, já que existem profissões que estão atreladas a esses conhecimentos, devido ao prestígio social. Ao perguntarmos quais profissões envolveriam esses aspectos, as respostas eram precisas. Diziam, por exemplo, que um juiz, um médico, um advogado, pessoas que trabalham no comércio em geral, entre outras profissões, deveriam adequar suas falas ao padrão de seus possíveis clientes. Apesar de ser uma realidade dura para falantes de variedades desprestigiadas, trata-se de uma realidade inquestionável.

No módulo 2 dessa sequência didática, levamos para análise dos alunos uma entrevista realizada por Marília Gabriela ao jornalista William Bonner⁵, extraída da Internet. E em seguida, também passamos um trecho de uma entrevista coletiva do técnico da seleção do Brasil (Dunga)⁶, que provocou uma grande polêmica, na época da copa do Mundo de 2010. Para realizarmos essas atividades, usamos o datashow e notebook.

A escolha dessas entrevistas foram justificadas por ser a jornalista Marília Gabriela uma entrevistadora de renome dentro da área, e o jornalista William Bonner, um referencial de linguagem urbana culta conhecido por grande parte da população.

Quanto à entrevista do Dunga, justifica-se pelo fato de que, como estávamos em época de copa do mundo, o técnico da seleção brasileira provocou várias polêmicas com sua entrevista coletiva, fato muito comentado por grande parte da mídia. Além disso, planejávamos como produção final da sequência didática, uma entrevista coletiva dos alunos.

⁵ Entrevista que pode ser acessada no link: (<http://www.youtube.com/watch?v=S4JgwQRWkIM>)

⁶ Entrevista que pode ser acessada no link:
(<http://www.youtube.com/watch?v=oRHGsKaNEaQ&feature=related>)



Depois de assistirem às gravações das entrevistas, a pesquisadora enumerou, no quadro, as características positivas que os alunos observaram em relação à entrevistadora Marília Gabriela. Algumas delas foram: o uso da linguagem urbana culta, perguntas adequadas. A simpatia e o acolhimento da entrevistadora também chamaram muito a atenção dos alunos.

Esse contato com o gênero através de vídeos, possibilitou uma visualização de outros “modelos” para os discentes se espelharem.

No módulo 3 dessa sequência didática, convidamos um professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora⁷, para ser entrevistado pelos sujeitos de nossa pesquisa. Ele aceitou o nosso convite dando uma entrevista coletiva para as três turmas trabalhadas.

Solicitamos às professoras regentes das turmas que, durante a semana, ajudassem os alunos na elaboração das perguntas para a entrevista com o professor. Nesse momento, observamos que o empenho dos docentes foi de fundamental importância para o desenvolvimento dos alunos, já que tínhamos apenas uma hora/aula por semana, para realizarmos esse trabalho.

O entusiasmo deles foi enorme, sentiram-se importantes e valorizados diante daquele empreendimento, pois representariam a “voz” de uma profissão. Os relatos das professoras referente à preparação das perguntas nos mostrou a motivação tanto delas quanto dos próprios discentes diante da oportunidade de vivência real de um gênero. Observamos que os alunos compreendiam o que era ensinado em sala de aula e sua aplicabilidade na vida. Por isso, acreditamos que o trabalho com os gêneros textuais possibilita essa realização real, o que faz mais sentido para os alunos do que ficar guardando regras e nomenclaturas gramaticais, nos quais eles não visualizam o uso cotidiano.

A entrevista foi muito produtiva, apesar de, no primeiro momento, a timidez ser muito grande. Todos os alunos tinham pelo menos uma pergunta a ser feita. Outras foram realizadas a partir das respostas que o professor dava. Verificamos que alguns escondiam o papel com a pergunta debaixo das carteiras, pois não se sentiam seguros para falarem. Isso nos mostrou

⁷ A presença do professor Eduardo Leão foi de extrema importância para o desenvolvimento e aprimoramento dos alunos, diante da sequência didática proposta.



um pouco da insegurança deles diante do uso da variedade urbana culta, entretanto uma minoria se sentiu à vontade para fazer outras perguntas que refletiam curiosidades bastante subjetivas sobre a profissão de um jornalista.

É importante mencionarmos que a entrevista foi filmada, o que provocou ainda mais uma situação de “stress” comunicativo. Em todas as turmas, o professor escolheu um dos alunos para operar a filmadora, mostrando a importância do cinegrafista, apesar de ele estar por detrás da câmera. Seleccionamos aqui algumas perguntas que foram elaboradas pelos educandos ao professor da Faculdade de Comunicação.

1. *“Por que o senhor escolheu essa profissão?”*
2. *“O senhor gosta de sua profissão?”*
3. *“Há alguma frase que o senhor ouviu e que marcou sua vida?”*
4. *“O senhor gosta mais de ser jornalista ou professor?”*
5. *“Quais são as atividades desenvolvidas por um profissional de jornalismo?”*
6. *“De qual área o senhor gosta mais?” “Qual o conselho que o senhor daria para quem quer seguir essa profissão?”*
7. *“Qual é a parte ruim da sua profissão?”*
8. *“Sabemos que precisamos da comunicação para nos relacionarmos e, nesses últimos dez anos, a comunicação evoluiu muito. O que o senhor acha dessa evolução?”*

4.6 módulo 3: perguntas ao professor de Comunicação Social da UFJF

Um dos traços predominantes do registro formal assimilado pelos alunos foi a forma de tratamento “senhor” durante a entrevista, aspecto este que também foi muito frisado pelas professoras durante as ações. Além disso, destacou-se o respeito aos turnos de fala, tanto em relação às respostas do entrevistado, quanto dos entrevistadores, visto que era uma entrevista coletiva. Eles souberam se respeitar e respeitar os demais.



A simpatia e o acolhimento do professor convidado também foram relevantes para o interesse ainda maior dos alunos. Essa entrevista evidenciou o desenvolvimento deles tanto linguístico como social. Isso nos mostra o importante papel social que a escola tem sobre os seus estudantes. É preciso colocá-lo em prática cada vez mais!

O professor entrevistado perguntou aos alunos se eles gostariam de entrevistar um aluno da Faculdade de Comunicação Social, para entenderem ainda mais como funciona o jornalismo tanto escrito como oral, e todos eles disseram que sim. Outra possibilidade que o professor também abriu foi de eles conhecerem os estúdios de rádio, televisão e edição da Faculdade de Comunicação. Depois dessa entrevista, muitos alunos disseram que gostariam de fazer jornalismo, pois não imaginavam quantas coisas interessantes envolviam essa profissão.

Para finalizar essa sequência didática, o professor entrevistado convidou um de seus alunos da Faculdade para ser entrevistado também pelos alunos. Essa, então, seria a nossa produção final. Assim como as professoras regentes os ajudaram na formulação de perguntas para o professor, durante a semana também os ajudaram para elaborar outras perguntas para esse novo entrevistado.

Novamente o professor da Faculdade de Comunicação estava presente, pois iria ajudar os alunos, que seriam os cinegrafistas, a filmarem a entrevista coletiva com o aluno de Comunicação Social.

No primeiro momento, os alunos estavam muito tímidos, tendo em vista que o nível de “stress” comunicativo estava ainda maior: além da presença da professora regente, da pesquisadora e das bolsistas, contamos com a presença do professor que eles haviam entrevistado e do aluno (acadêmico) que ia ser entrevistado. Havia também a filmadora, que é um instrumento que, por si só, nos cobra certa monitoração estilística.

Mais uma vez, o desempenho dos alunos foi muito produtivo. Para nós, e principalmente para eles mesmos, significou que conseguiram visualizar o próprio crescimento, tanto no âmbito educacional quanto intelectual. Mostraremos, no quadro abaixo, algumas das perguntas que foram elaboradas por eles próprios.



1. *"Por que você escolheu o curso de comunicação social?"*
2. *"Gostaria de saber se você veio de escola pública ou particular."*
3. *"Um jornalista pode assumir várias funções: pode ser câmera, trabalhar com áudio... Qual você pretende seguir?"*
4. *"Você se inspira em algum jornalista?"*
5. *"Já te deram um motivo para desistir dessa profissão?"*
6. *"A gente que vê o telejornal, acha que é muito fácil, mas como que é que funciona nos bastidores?"*
7. *"Eu gostaria de saber se uma pessoa tímida pode ser um bom jornalista."*

4.7. Produção final: perguntas elaboradas pelos discentes para entrevistar o aluno de Comunicação Social

Essa produção final, ao ser contrastada com a produção inicial, nos mostra uma grande diferença do posicionamento dos alunos. Tudo indica que, com a mediação do professor e um planejamento estruturado, é possível desenvolver habilidades comunicativas e a aquisição do estilo formal monitorado.

5. Considerações finais

Os resultados alcançados foram bastante positivos, já que os alunos conseguiram adequar sua linguagem ao contexto comunicativo formal, o que consideramos um grande avanço para falantes de uma variedade desprestigiada.

Outro item importante que deve ser ressaltado é a reflexão e o aprendizado para a vida que eles puderam vivenciar durante esse trabalho. Nesse aspecto, o estar na escola passou a ter mais sentido para eles e, acima de tudo, se tornou mais prazeroso. A escola não deveria



assumir o papel de um local ruim e indesejado, como infelizmente temos visto e vivenciado durante anos; pelo contrário, deveria sempre ser um lugar de bem-estar e prazer.

Por isso, acreditamos que a pedagogia da variação linguística possa ser uma nova ferramenta de uso nas escolas, com a finalidade de sensibilizar crianças e jovens sobre a existência da heterogeneidade linguística e da legitimidade das variedades desprestigiadas. A compreensão desses aspectos é fundamental para combatermos a violência simbólica, as exclusões sociais e culturais que são fundamentadas nas diferenças dialetais.

A partir de nossa pesquisa, concluímos que é indispensável uma reflexão sociolinguística no ensino de língua materna para implementar o bidialetalismo na escola, tendo em vista que o sujeito se constitui pela linguagem (BAKHTIN, 2006) e ela não pode ser desprezada em função dos padrões sociais e linguísticos.

Referências

ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, M. **Língua materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo. Parábola, 2002.

_____. **Nada na língua é por acaso**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992/2003.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais – Ensino**

Fundamental – Língua Portuguesa. Brasília: SEF/MEC, 1998.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.



_____. **Nós chegemos na escola, e agora?:** sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. **O professor pesquisador:** introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DOLZ, J.e SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola.** Trad. e org.: ROJO, Roxane e CORDEIRO, G. S. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola, 2008.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares** - As razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997 [1995]

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola, 2009.

SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** 7. ed. São Paulo: Ática, 1989.